


Tema: Press Clippings				■	Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Duas testemunhas confirmam Ana Gomes					Temática: Generalista	GRP: 7.4
2007/01/20	EXPRESSO – PRINCIPAL	Pág.1	Imagem: 1/2		Periodicidade: Semanal	Inv.: 6836.83

Duas testemunhas confirmam Ana Gomes

**Entre 2004 e o final
de 2006 passaram
prisioneiros pelas Lajes**

O Expresso confirmou nas Lajes as acusações de Ana Gomes. Duas testemunhas afirmaram-nos que prisioneiros ilegais da CIA passaram pela base, ainda no final de 2006. De um avião dos EUA saíram grupos de homens, levados para um edifício abandonado. Ninguém assegura se estavam agridados, devido à distância, mas nessa ocasião houve ordens do comando para que nenhum português se aproximasse da zona. As testemunhas pediram o anonimato. P11

Tema: Press Clippings					Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Duas testemunhas confirmam Ana Gomes					Temática: Generalista	GRP: 7.4
2007/01/20	EXPRESSO – PRINCIPAL	Pág.11	Imagem: 2/2		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

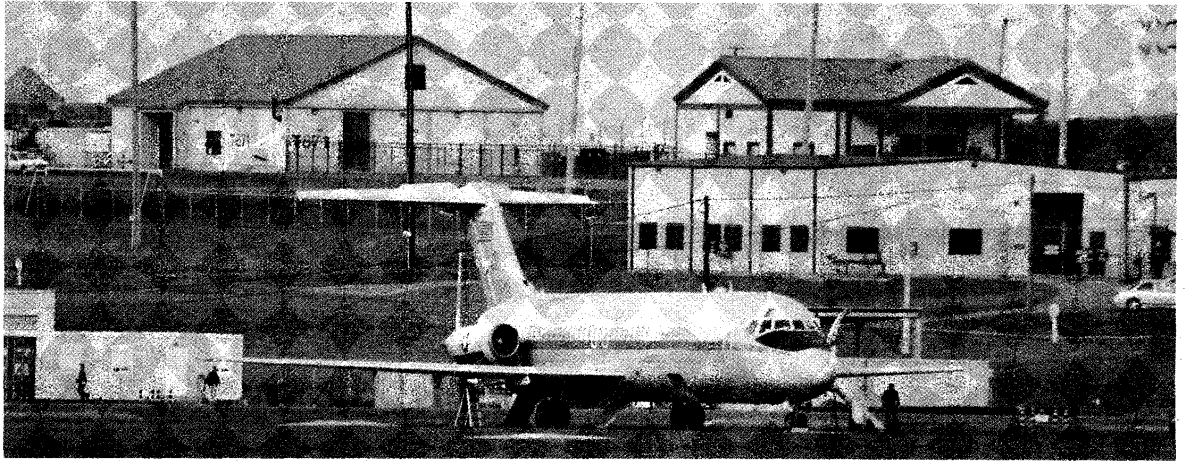
Prisioneiros ilegais nas Lajes

Duas **testemunhas confirmam** ao Expresso terem visto detidos saírem de aviões americanos

As polémicas declarações de Ana Gomes, feitas há duas semanas numa visita à ilha Terceira, sobre a passagem e transferência de prisioneiros ilegais da CIA na base das Lajes foram corroboradas ao Expresso por duas testemunhas. Estas garantem que isso aconteceu em pelo menos três ocasiões diferentes, entre 2004 e o final de 2006, porque viram com os seus próprios olhos. Confirmam que nessas três vezes houve desembarque de detidos em circunstâncias muito suspeitas e com recurso a medidas excepcionais, mesmo quando comparadas com manobras de guerra realizadas pelas forças armadas norte-americanas nos Açores.

Os relatos mais estranhos reportam a uma aterragem no Verão de 2005 de um DC10 civil de matrícula norte-americana e a uma outra aterragem de um C130 da Força Aérea dos EUA no final de 2006. Nos dois casos, os aviões estacionaram de manhã no fundo da pista das Lajes, a norte, numa área reservada para voos mais sensíveis (quando há transporte de mísseis ou de outro tipo de armamento, por exemplo).

Grupos de homens foram vistos a sair dos aviões e a ser levados num autocarro para dentro de um edifício abandonado, que está para ser desmantelado e que é conhecido por hangar da Navy, por ter sido utilizado durante muitos anos pela Marinha dos EUA.



Ao fundo da pista das Lajes, a norte, existe uma área reservada. Foi lá que os aviões suspeitos estacionaram FOTO MICHAEL PEREIRA

Embora as testemunhas não consigam assegurar — pela distância a que se encontravam — se os prisioneiros estariam agrilhoados, o uso do hangar abandonado afasta a hipótese de se tratar de eventuais soldados americanos detidos por crimes cometidos durante o cumprimento do serviço militar, uma vez que a base possui instalações prisionais próprias para o efeito.

O Expresso apurou que os dois voos em que houve transferência de presos para o edifício foram acompanhados de ordens expressas vindas do comando português para que permanecessem na área apenas militares norte-americanos — inclusive

no caso do avião civil, apesar de ser norma a polícia aérea portuguesa fazer uma aproximação de rotina a todas as aeronaves civis que aterram nas Lajes, na Base Aérea Nº4.

A terceira ocorrência remonta ao Verão de 2004 e revela outros pormenores intrigantes. Um C141 ou C17 (a testemunha tem dúvidas sobre o modelo do avião) da Força Aérea nor-

Os relatos mais estranhos reportam a uma aterragem no Verão de 2005 e a outra no final de 2006

te-americana estacionou já de noite na placa militar, entre o edifício do comando português e o hangar da Navy.

Despertada pelo facto de as luzes da pista terem sido desligadas logo após o avião aterrar, a testemunha reparou que dois autocarros norte-americanos se aproximaram e que houve um primeiro grupo de cinco ou seis homens que desembarcou em fila indiana, sob escolta, até ao primeiro veículo, que se encontrava também de luzes apagadas. “Andavam com passos muito curtos e muito próximos uns dos outros, como se estivessem agrilhoados, mas não consegui perceber se tinham correntes”.

Depois de o primeiro autocarro ter avançado, um outro grupo de homens saiu da aeronave em direcção ao segundo autocarro, que tinha as luzes acesas. “Iam muitos descontraídos e um até se chegou à frente e acendeu um cigarro”.

Apesar de se terem disposto a revelar o que sabem ao Expresso, ambas as testemunhas pediram reserva sobre a sua identidade, por temerem represálias contra elas ou contra familiares. “Esta é uma ilha muito pequena, toda a gente é prima de toda a gente”, justificou uma delas. “E eu não sei do que é que a CIA é capaz”.

MICHAEL PEREIRA
mpereira@expresso.pt